

## PSICOLOGIA, DESENVOLVIMENTO HUMANO E MARXISMO [LIEV SEMIÓNOVITCH VIGOTSKI]

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v15i3.57424>

Eduardo Moura da Costa<sup>1</sup>

Título: Psicologia, desenvolvimento humano e marxismo

Autor: Liev Semiónovitch Vigotski

Cidade e editora: São Paulo: Hogrefe

Ano da publicação: 2023

Páginas: 296

L. S. Vigotski (1896-1934) se consolidou como um dos principais teóricos da psicologia. O crescente interesse por sua obra é mérito do seu projeto monumental, porém incompleto, de produzir uma psicologia geral a partir do método marxiano. Por outro lado, tal interesse também é reflexo da própria crise da psicologia, anunciada pelo autor no início do século XX, mas que se adensa nas primeiras décadas do século XXI. Diante desse contexto, a obra recentemente publicada “Psicologia, desenvolvimento humano e marxismo”, de tradução de Priscila Marques e organização, introdução e notas de Gisele Toasse e de Priscila Marques, nos brinda com um notável esforço para a divulgação dos escritos do grande Liev Vigotski. A obra apresenta uma nova tradução para textos já publicados, bem como textos inéditos de várias fases de sua produção.

Esse livro faz parte de uma série de publicações coordenadas por Saulo de Freitas Araujo, um dos principais estudiosos de Wundt do mundo, e que tem como objetivo apresentar textos de autores clássicos da Psicologia. Portanto, trata-se de uma demonstração da produção geral do autor, ao invés de se concentrar em temas específicos. Ainda assim, se lidos na sequência, os textos expressam diferentes explicações para os fenômenos psicológicos. De forma a sumarizar o seu conteúdo, começaremos pelo balanço que Vigotski faz da Psicologia da sua época. Na sequência, apresentaremos os textos que expressavam a evolução da sua explicação sobre o desenvolvimento humano. Em relação ao problema da consciência, discorreremos sobre a importância dos textos escritos no final da sua produção, relativos aos processos de desintegração da consciência, e que são extremamente importantes para o estudo das funções psicológicas superiores. Por fim, abordaremos os textos programáticos, de agitação política e combativos do autor.

Vigotski foi considerado por alguns autores como um grande “metodólogo” da psicologia (ELKONIN, 2006). Parte do seu esforço para criar um novo projeto científico envolveu a análise da situação psicologia daquele período. Portanto, realizou estudos dos fundamentos filosóficos e metodológicos da psicologia. A maior síntese produzida pelo autor está no manuscrito, apenas publicado

em 1982, denominado “O significado histórico da crise da psicologia” (VIGOTSKI, 2004). Na coletânea se publica pela primeira vez em português um artigo de síntese teórica da situação da psicologia denominado “A ciência psicológica”. Neste texto, publicado em 1928, podemos notar algumas formulações e problemas que foram temas no manuscrito sobre a crise da psicologia. O texto que foi publicado tem como objetivo produzir uma análise materialista da situação da psicologia até aquele período, finais da década de 1920 na União Soviética. O autor propõe que durante a curta história da psicologia, os psicólogos se revezaram em duas grandes posições. Por um lado uma era “psicologia natural, materialista, objetiva; no outro caso, metafísica, idealista, subjetiva” (p. 66). Na Psicologia Russa se observava a alternância entre essas duas posições. Vigotski analisou essa relação a partir de uma visão materialista, pois atesta que “a vitória e a derrota de cada uma dessas psicologias são determinadas por movimentos de ascendentes e descendentes de ondas sociopolíticas e são alimentadas pelos estados reacionários e progressistas de cada época” (p. 71).

Um dos objetivos centrais do texto é demonstrar o porquê da reflexologia ter se desenvolvido sobremaneira após a Revolução de 1917. Segundo o autor, a base materialista da reflexologia possuía uma profunda afinidade interna com as ideias revolucionárias de 1917. A reflexologia abriu caminho não só para o estudo dos níveis primitivos de comportamento, mas também dos processos superiores de atividade nervosa. Portanto, conforme Vigotski, ela possibilitou a construção de uma ponte entre a biologia e a história. Ao final do texto, Vigotski atrela o desenvolvimento da reflexologia ao projeto de construção de uma psicologia marxista. Não podemos deixar de notar que suas análises da reflexologia nesse texto são mais elogiosas e laudatórias do que aquelas que aparecem no manuscrito sobre a crise da psicologia. Acreditamos que isso se deva ao fato de que o artigo em análise foi escrito para ser publicado, diferente do manuscrito não publicado em vida. Apesar dessa questão, fica evidente o porquê da busca inicial por edificar o seu projeto sobre as bases nos conceitos da reflexologia.

Ao lermos em sequência os textos “A consciência como problema da psicologia do comportamento” (Capítulo 1), “Aulas de psicologia do desenvolvimento” (Capítulo 3), “Sobre os sistemas psicológicos” (Capítulo 6) e “Sobre a questão do desenvolvimento psíquico dos conceitos científicos na idade escolar” (Capítulo 9), poderemos constatar três momentos distintos na produção do autor. Inicialmente, Vigotski buscou se apoiar na teoria do reflexo condicionado para produzir uma psicologia do comportamento. Após constatar os limites metodológicos da reflexologia, Vigotski deu início ao estudo da atividade mediada a partir do método instrumental. Em meados de 1930, depois de desenvolver pesquisas sobre o desenvolvimento dos conceitos, o autor constatou a incapacidade do método de dupla estimulação para o estudo da formação conceitual. Os textos escolhidos sintetizam esses diferentes momentos na obra do autor.

O primeiro texto, de caráter especulativo, versa sobre a necessidade de estudo objetivo da consciência. Observamos Vigotski buscando alternativas para as teorias reducionistas da consciência, predominantes na época. Ao partir da reflexologia, o autor propõe que a consciência pode ser um objeto

de estudo da Psicologia. O comportamento humano foi considerado como parte dos “movimentos internos”, como a fala interior, e não somente baseado no esquema estímulo-resposta. Para mostrar os limites da reflexologia em explicar o comportamento humano, Vigotski sinaliza uma dimensão que se tornou central nas suas investigações, que é a necessidade a Psicologia estudar a “experiência histórica”. Partindo da premissa reflexológica de que certos reflexos fisiológicos desencadeiam outros, como o reflexo salivar do cão desencadeia o reflexo de deglutição, produzindo “reflexos em cadeia”, Vigotski propõe que a consciência é a “capacidade de o nosso corpo ser um estímulo (por meio de seus atos) para si mesmo (para novos atos)” (p. 42). Essa interpretação, somado ao papel da palavra na criação da auto-estimulação, levaram o autor a interpretar a consciência como surgindo primeiro a partir da experiência histórica e social, para, depois, gerar por si só seus próprios estímulos.

Vigotski afirmou, no final do texto “Consciência como problema da psicologia do comportamento”, que seu objetivo foi apenas colocar o problema do estudo da consciência. Porém, já deixou evidente que sua hipótese de trabalho era aquela que diz que “o mecanismo do comportamento social e o mecanismo da consciência são os mesmos” e que “na linguagem encontram-se a base do comportamento social e da consciência (p. 54). Nos anos subsequentes, ele realizou pesquisas para resolver os problemas levantados preliminarmente. Sendo assim, o capítulo terceiro, “Aulas de psicologia do desenvolvimento”, expressa alguns dos resultados obtidos a partir de suas pesquisas teóricas e experimentais.

Vigotski elaborou pesquisas experimentais para analisar indiretamente como se desenvolve a “experiência duplicada”, isto é, como o “comportamento social” reestrutura a consciência. Desta feita, as duas aulas contidas no terceiro capítulo expressam justamente suas primeiras teorizações sobre como o desenvolvimento ontogenético é o resultado do entrelaçamento das linhas biológica e cultural. Na primeira aula, Vigotski expõe a diferença entre as duas linhas de desenvolvimento e faz isso dando o exemplo da memória. Sua tese principal é aquela que diz que a memória natural é transformada com a introdução de “signos artificiais”. Para fundamentar seu argumento, assim como em outras exposições da atividade mediada já amplamente conhecidas (VIGOTSKI, 2000), Vigotski recorre a dados antropológicos e da psicologia comparada para demonstrar o desenvolvimento histórico da memória cultural. Ele deixa evidente a relação entre o nível de desenvolvimento cultural e o nível de desenvolvimento individual. Ou seja, os “estímulos auxiliares”, que dão assistência ao comportamento individual, são o resultado da produção social.

A segunda aula tem por objetivo demonstrar quais são os métodos de pesquisa do comportamento cultural. Segundo o autor, o método deve ser capaz de captar o desenvolvimento histórico do comportamento. Ele apresenta o método de dupla estimulação. Esse método permitiu a investigação do comportamento mediado. A memória, por exemplo, foi estudada não em sua forma natural, biológica, mas a partir da intervenção de um estímulo meio, que permite a superação da sua função natural.

O texto “Sobre os sistemas psicológicos” é um marco na produção do autor. Ele é transcrição de uma aula proferida em meados de 1930. Após a aplicação do método de dupla estimulação e criação das explicações sobre a natureza mediada das funções psicológicas, Vigotski começou a perceber alguns limites nos métodos utilizados e nas interpretações dos dados coletados. Ele reconheceu que fenômenos complexos foram tratados de forma simplificada. A constatação dessa complexidade se deu a partir do seu contato com outras facetas do objeto de investigação. O autor não se limitou à gênese do processo ao estudar a formação dos conceitos da infância até a adolescência. Além disso, analisou não só a gênese do fenômeno, mas também se interessou pelo processo de desintegração do sistema conceitual em casos psicopatológicos, como na esquizofrenia. Como resultado da “tradução” dessa nova faceta do seu objeto, se produziu a hipótese de que a consciência se estrutura como um sistema psicológico a partir do desenvolvimento sistêmico dos conceitos. O caminho percorrido até essa nova hipótese encontra-se sintetizado no referido capítulo.

Nos últimos anos de sua produção, Vigotski buscou colocar em prática investigações sobre a formação conceitual, tal como apresentado acima. A partir de suas pesquisas, ele concluiu que a formação dos conceitos era a “chave para toda a história do desenvolvimento intelectual da criança” (p. 241). O nono capítulo do livro versa precisamente sobre este problema. Ele foi escrito como prefácio da pesquisa empírica realizada por Josefina Chif (1904-1978), colaboradora de Vigotski e que é citada pelo autor para fundamentar seu argumento, por exemplo, no livro *Pensamento e linguagem* (VIGOTSKI, 2001). Chif e Vigotski substituíram o método de dupla estimulação pelo método de definir conceitos. Logo no início do capítulo o autor anuncia a importância prática desse tipo de investigação. O problema sobre o desenvolvimento dos conceitos científicos é fundamental para a organização do ensino, fato este, diga-se de passagem, extremamente relevante nos dias de hoje. Conforme Vigotski, quando a palavra é assimilada pela criança, o processo de desenvolvimento do conceito está apenas começando. Além disso, a hipótese que foi testada por Chif diz respeito as diferenças entre o desenvolvimento dos conceitos cotidianos e científicos. Conforme o autor, as pesquisas de Chif demonstraram que “o processo de ensino-aprendizagem de novos conceitos e formas de palavra por parte dos alunos não é apenas possível, como também pode ser a fonte de um desenvolvimento superior de conceitos próprios, que já se formaram nas crianças” (p. 247). A pesquisa de Chif evidencia a relação intrínseca entre a formação dos conceitos científicos e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Vigotski teve pouco tempo para elaborar sua interpretação da relação entre ensino-aprendizagem e desenvolvimento, formação dos conceitos científicos e desenvolvimento do pensamento da criança. Por essa razão, o texto é extremamente valioso para os estudiosos dessa temática.

Os capítulos 7 e 10 podem ser vistos como exemplares do período final de sua produção, como exemplos da aplicação do método de análise semântico aos estados psicopatológicos. Na visão de Vigotski, o método de estudo da consciência não deve ter como foco apenas a gênese dos processos psicológicos, ele deve considerar também os processos de desintegração da consciência, pois aquilo que se

forma ao longo do desenvolvimento se desestrutura na patologia. Em relação à esquizofrenia, Vigotski propõe que se deve analisar não somente a dissociação, mas também “o reconhecimento de uma força contrária, que também é desencadeada por causa da **dessegregação dos conceitos** e do apagamento dos limites claros entre cada esfera e processo da consciência” (p. 221, grifos nossos). Na visão do autor, a personalidade não deve ser analisada apenas como passiva em relação ao quadro patológico instalado pela destruição das complexas relações semânticas e sistêmicas da consciência, mas os investigadores também devem ter como foco os mecanismos que resistem a esse processo destrutivo. Como conclusão, Vigotski atesta que a psicologia e psicopatologia deveriam se voltar para os estudos das perturbações da consciência a partir de sua formação superior, ou seja, a partir do seu ápice e não das suas profundezas, as quais se limitam aos fundamentos biológicos dos estados psicopatológicos. Tal concepção é extremamente atual e encontra ecos em pesquisas atuais sobre a mesma temática (SCHILBACH, 2016).

No último capítulo da coletânea, “O problema do desenvolvimento e da desagregação das funções psíquicas superiores”, Vigotski volta a criticar as concepções reducionistas da Psicologia, que explicam as funções psicológicas tipicamente humanas partindo da psicologia animal. Exemplo típico é a Psicologia da Gestalt, que explica a percepção humana partindo dos estudos sobre a percepção dos animais. Tal visão é insuficiente para o estudo das funções psicológicas superiores, únicas do ser humano, pois reduzem as funções psíquicas superiores às inferiores. Outra forma de redução, promovida pela psicologia descritiva também não é válida na visão de Vigotski, pois ela atesta que as funções psíquicas superiores possuem uma natureza “espiritual”, não se submetendo a explicações causais nem genéticas.

Vigotski conclui que a base para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é sua estrutura sistêmica. Isto significa que o desenvolvimento de cada função separada (memória lógica, atenção voluntária, imaginação, pensamento, etc.), depende do desenvolvimento da consciência como um todo. A integração entre as funções elementares isoladas leva às funções psíquicas superiores. Para Vigotski, a linguagem tem papel central na organização das funções psíquicas superiores. Junto com a palavra é introduzido um novo *modus operandi*, uma nova forma de ação. Na última parte do texto, Vigotski se detém em exemplos de alterações cerebrais, em crianças e adultos, para demonstrar a relação entre as funções psíquicas superiores e inferiores. Em pacientes adultos com agnosia, por exemplo, Vigotski diz que se observa o comprometimento de centros inferiores e a preservação de centros superiores. O paciente pode perder a capacidade de reconhecer um relógio, por exemplo, mas pode ser capaz de descrever o conceito de relógio quando solicitado. Em crianças essa situação é diferente, pois a criança com agnosia congênita é quase sempre deficiente mental. O autor sugere que em razão do comprometimento precoce dos centros inferiores da percepção, a criança teve grande dificuldade para desenvolver as funções psíquicas superiores. Portanto, o comprometimento no mesmo centro cerebral leva a quadros clínicos completamente diferentes, fato que explica a relação entre as funções psíquicas inferiores e superiores.

Além dos textos teóricos e de balanço crítico do estado da ciência psicológica, Vigotski também produziu textos programáticos, de agitação política e combativos. A coletânea contém os textos mais famosos escritos com esses objetivos, que são “Sobre o plano de trabalho de investigação científica a respeito da pedologia das minorias nacionais”, “O refazimento socialista do ser humano”, único já publicado em português, e “O fascismo na psiconeurologia”. Esses textos devem ser lidos em dependência direta tanto da sua avaliação da crise na qual a Psicologia se encontrava na época quanto das suas pesquisas sobre a origem social da consciência.

O primeiro deles é de caráter programático, cujo objetivo foi estimular os pedólogos<sup>2</sup> da época a estudarem as especificidades do desenvolvimento infantil das chamadas “minorias nacionais”. Para Vigotski, o desenvolvimento econômico e cultural das regiões anexadas pela União Soviética deveria passar pelo desenvolvimento das próximas gerações de crianças. Para tanto, era necessário conhecer as características do desenvolvimento das crianças dessas regiões. Conforme o autor, deveria haver uma coordenação para a realização dos estudos que, até então, eram selecionados de forma aleatória. É importante notar que essa preocupação do autor denota uma compreensão não universalista do desenvolvimento infantil. Apoiado em Aron Zalkind (1988-1936), Vigotski alerta que os novos métodos de pesquisa deveriam ser capazes de captar as peculiaridades nacionais, pois os testes padronizados focalizam aspectos puramente negativos. Os novos métodos deveriam focar características positivas das crianças oriundas das minorias nacionais. Tais métodos deveriam ser capazes de fundamentar o estudo das peculiaridades culturais e cotidianas daquelas regiões. Acreditamos que as pesquisas realizadas por Luria (1933) em regiões remotas da Ásia Central pretendiam colocar em prática essas orientações programáticas. Contudo, os métodos “etnopsicológicos” para o estudo da relação entre as crianças e seu meio cultural não foram colocados efetivamente em prática em razão dos seus problemas intrínsecos e também por conta do contexto político da época (COSTA, 2017). Apesar disso, o texto é emblemático, pois vemos Vigotski refletindo sobre a necessidade de atrelar o estudo do desenvolvimento infantil às condições culturais e políticas de cada região. Também temos uma amostra das suas opiniões sobre os testes psicológicos padronizados. Ademais, podemos notar que sua interpretação do meio social como organizador de todas as formas superiores de comportamento, central para sua interpretação do desenvolvimento infantil, se ligam diretamente com seus últimos trabalhos em pedologia (VIGOTSKI, 2006).

No texto “O refazimento socialista do ser humano”, Vigotski desenvolveu uma análise que articula a relação entre o desenvolvimento humano e a superação do capitalismo. Para a filosofia materialista, a forma de produção material determina a natureza da produção espiritual. A transformação do sujeito em uma “máquina para fabricação de mais-valia” não é resultado direto da forma de constituição da indústria de larga escala em si mesma, mas da organização capitalista dessa forma de produção (p. 166). Esse processo não enseja apenas a degradação da natureza humana, mas o seu contrário, pois “traz em si possibilidades infinitas para o desenvolvimento da personalidade humana” (p.

167). O trabalho infantil, por exemplo, que produz a degradação física e intelectual das crianças, “contém em si mesma o embrião da aprendizagem do futuro e pode ser uma forma elevada de criação de um novo tipo de ser humano” (p. 168). Essa contradição, conclui o autor, é resolvida pela revolução socialista. E com essa revolução deve ocorrer também a alteração da personalidade humana, “o refazimento do próprio ser humano” (p. 170). Para tanto, a organização da produção no capitalismo deve ser superada. Com isso, o trabalho que antes limitava o desenvolvimento humano, nessa nova sociedade poderá levar ao desenvolvimento superior da personalidade. A revolução socialista levará a alteração das próprias relações sociais entre as pessoas. Já a educação terá um papel central no “refazimento” do ser humano nessa nova sociedade. Um novo tipo de pessoa deverá ser educado para a nova forma de sociedade. Vigotski incorpora a noção de Nietzsche sobre o super-homem, porém ressignificada. A teoria individualista e calcada nas leis da evolução biológica, propostas pelo filósofo alemão, são superadas em favor de uma visão coletivista. Vigotski conclui que “apenas elevando toda a humanidade a um grau superior de vida social, apenas a libertação de toda a humanidade é o caminho para o surgimento de um novo tipo de ser humano” (p. 173).

O texto “O facismo na psiconeurologia” está sendo publicado pela primeira vez em português. Nele, Vigotski busca evidenciar a agudização da crise da psicologia a partir de sua expressão fascista. O autor constatou que o golpe fascista na Alemanha catalisou o processo de crise da psicologia que estava se desenvolvendo nas décadas anteriores. Portanto, o desenvolvimento de uma psicologia fascista não teve início com a ascensão do partido nazista na Alemanha, mas já estava presente em diversas concepções idealistas. O autor concentra sua análise crítica na psicologia fascista produzida pelo psicólogo alemão Erich Jaensch (1883-1940). Conforme Vigotski, Jaensch parte da biologia e da psicologia para “explicar todos os principais problemas sociais não apenas relativos aos alemães, mas também mundiais” (p. 226). Neste sentido, ele recusa veementemente o materialismo da teoria marxista. Para Jaensch, conforme Vigotski, as diferenças culturais seriam explicadas por diferentes estruturas mentais. Estas, por sua vez, seriam o resultado da hereditariedade, isto é, do “sangue e raça”. Segundo essa lógica, o golpe nazista teve como objetivo converter o Estado em um todo orgânico, que supostamente segue as leis da estrutura psicológica do próprio povo alemão. Seriam as características desse povo, superiores na visão de Jaensch, que deveriam levar a humanidade adiante. O texto está imbuído de passagens irônicas e sarcásticas, que não são típicas da escrita do autor, pois as posições de Jaensch soam ridículas, apesar da seriedade de suas implicações. Elas ficam evidentes, por exemplo, quando Vigotski julga que Jaensch “não nota a inacreditável comicidade” dos seus raciocínios, beirando um “delírio sistematizado”. O idealismo de Jaensch repete o erro de toda psicologia burguesa, que é a “rejeição da natureza social do ser humano” (p. 237). O texto é um balanço extremamente interessante da profunda relação entre a psicologia idealista burguesa e as posições fascistas.

Diante da variedade temática dos textos selecionados, fazemos votos para que essa publicação contribuía para apresentar os escritos de Vigotski para novos leitores e para estimular investigações dos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural.

**Referências:**

AQUINO, P. M.; TOASSA, G. Apontamentos sobre a pedologia de Vigotski: alguns conceitos importantes em seu contexto histórico. **Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.**, v. 3, n. 2, p. 1-19, 2019.

COSTA, E. M. O conceito de percepção para Alexander Luria e a controvérsia com Kurt Koffka. **Memorandum**, 32, 14-32, 2017.

ELKONIN, D. B. Epílogo. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV: Psicología infantil**. Tradução de L. Kuper. 2. ed. Madrid: Visor, p. 377-412, 2006.

LURIA, A. R. The second psychological expedition to Central Asia. **Science**, 78, 191-192, 1933.

SCHILBACH, L. Towards a second-person neuropsychiatry, **Philosophical Transactions of the Royal Society**, v. 371, n. 1686, p. 1-11, 2016.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III: Problemas del desarrollo de la psique**. Tradução de L. Kuper. 2. ed. Madrid: Visor, 2000. (Trabalho original publicado em 1960)

VIGOTSKI, L. S. **A construção do Pensamento e da linguagem**. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Trabalho original publicado em 1934).

VIGOTSKI, L. S. Significado histórico da crise da psicologia: Uma investigação metodológica. In: VIGOTSKI, L. S. (ed.). **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 203-421. (Trabalho original publicado em 1982).

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV: Psicología infantil**. Tradução de L. Kuper. 2. ed. Madrid: Visor, 2006. p. 9-248. (Trabalho original publicado em 1928-1931).

---

**Notas**

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Campus Assis. Professor Assistente Doutor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara. Pesquisador do grupo de pesquisa Verchína - Fundamentos de Psicologia Vigotskiana (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/792881>). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4606180696876342>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5417-6675>. E-mail: eduardo.moura@unesp.br.

<sup>2</sup> A pedologia era conhecida, no início do século XX, como a ciência do desenvolvimento infantil. Seu foco era gerar conhecimentos para serem empregados nas instituições educacionais e médicas. Vigotski foi um dos seus principais representantes na União Soviética, até o banimento dessa disciplina, em 1936 (Aquino; Toassa, 2019).

Recebido em: 30 de out. 2023

Aprovado em: 22 de dez. 2023